

O INFINITO AO ESPELHO

Galeristas Curadores



Miguel Branco

Entre Chien et Loup é o nome da exposição presente até 7 de Março na galeria Caroline Pagès, por iniciativa da própria galerista e de Miguel Branco. *A4* É o nome da colectiva que Rui Brito apresenta na galeria 111 até 21 de Fevereiro. Ambas mostram quatro artistas e maioritariamente “pintura”.

A galeria Caroline Pagès é modesta situada num apartamento em Campo de Ourique e sem muito espaço. A exposição no entanto surpreende: O título refere-se a uma expressão coloquial em francês do género de “de noite todos os gatos são pardos” mas desta feita aplicada ao crepúsculo. A transitoriedade proposta pelo título na diferença entre dois animais sente-se de facto no espaço aberto, não apenas entre formas expressivas, mas entre os temperamentos extremos presentes, o que permite ao espectador de efectuar múltiplos jogos de leitura. Formas diversas de simbolismo são de resto a marca que une os trabalhos.

Miguel Branco (1963) apresenta-nos uma série de pequenas pinturas, do tipo a que nos tem habituado desde há muito. Um pequeno cão parece saído do lado do malogrado Carlos I pintado por Van Dyck para preparar um salto para os colos de todas essas senhoras que faziam a clientela de Reynolds, Lawrence, Raeburn e outros. Há algo na pintura de MB que a afasta do simples exercício à maneira deste ou daquele. Com uso destes “quase nada” ou *extras*, constrói um universo entre a pintura que foi e a que poderá ser: um limbo ou uma ante-câmara. Uma inquietante pequena carcaça de morcego realiza uma passagem inteligente para uma obra distantíssima da sua; de Manuel Ocampo (1965), o grande nome da exposição, podemos ver uma dúzia de desenhos entre as masmorras e a necrofagia. Numa sala isolada estão três telas de Rudolfo Bispo (1981) que não surpreendem mas cuja ironia expressa o coloca como elemento de ligação interna entre os três discursos mais pesados. A exposição ganha leveza por aqui.

A grande surpresa da exposição é a produção gráfica do jovem licantropo francês Jean-Xavier Renaud (1977). Completamente *trash* trabalhando sobre papel utiliza as mais variadas estratégias, materiais e sensibilidades gráficas; ora mais ilustrativo e transparente ora selvático, próximo da tradição CoBrA. Um gozo iconoclasta pelo absurdo é a marca dominante do seu trabalho. A peça

central do dispositivo é um enorme e sádico caçador a visar sabe-se lá que adorável roedor no meio da relva.

A exposição A4 na galeria 111 nada traz de surpreendente ou extraordinário com os trabalhos da autoria de Ana Vidigal, Francisco Vidal, Rigo e Fátima Mendonça. A relação entre os quatro autores nada revela para além das suas diferenças. Apesar das intenções curatoriais que o galerista exprime na *press release*, o exposto parece corresponder mais a intenções comerciais do que a qualquer propósito temático ou outro. Então porquê falar-se em curadoria? A dúvida fica. É uma excelente ideia as galerias utilizarem os seus próprios recursos para fazer mais do que bons negócios. A pequena galeria de Campo de Ourique teve de recorrer a autores exteriores para conseguir transmitir uma ideia. A 111 tem imensos recursos internos a esse nível, com os quarenta anos de história que tem. Tem artistas excelentes e uma responsabilidade a manter. Teria de ter feito muito mais e mesmo sem um grande esforço, isto se quisermos levar a sério as intenções curatoriais do seu galerista. Aquilo que acabaria por não ser muito mais que uma *accrochage* a quatro, acaba por se notabilizar negativamente por se ensaiar ser mais do que isso.

Quinta-feira, 22 de Janeiro de 2009

<http://infinitoaoespelho.blogspot.com/2009/01/galeristas-curadores.html>